

A NEUROLINGUÍSTICA APLICADA AO ENSINO DA ORTOGRAFIA DE PALAVRAS COMPOSTAS

Francine Pacheco Leite Barbosa

Silvana Andrade Martins

RESUMO

Este artigo tenciona, em linhas gerais, verificar a efetividade da Programação Neurolinguística (PNL) no âmbito do ensino da ortografia de palavras compostas. Para tanto, foram selecionadas 30 palavras em que poderia ou não ocorrer hífen de acordo com as regras ortográficas do português, para realização de um ditado aplicado aos alunos de uma turma do primeiro ano do ensino médio de uma escola da região centro-sul de Manaus, como teste inicial. Na segunda etapa, a partir dos resultados desse instrumento de coleta de dados, foram planejadas aulas norteadas pelos princípios e estratégias da PNL que são empregados como técnica de memorização, tendo como aporte teórico Dilts e Epstein (1999); Dilts (2004). Nesse contexto teórico, o input visual e não o auditivo é a via utilizada como estratégia para a aquisição da escrita ortográfica. Na sequência, foi aplicado o teste final, utilizando as mesmas palavras do teste inicial, com o objetivo de verificar a efetividade das estratégias da PNL como uma ferramenta para apoiar o processo de aquisição da ortografia. Os resultados obtidos receberam tratamento estatístico e foram analisados, evidenciando um aumento na porcentagem de acertos na escrita dessas palavras trabalhadas. Portanto, pode-se atestar que esse avanço quanto ao desempenho que os alunos obtiveram na escrita ortográfica das palavras se deve à eficácia da metodologia de memorização de ortografia proposta pela PNL.

Palavras-chave: Neurolinguística; ortografia; aprendizagem.

INTRODUÇÃO

É necessário o aprendizado da ortografia das palavras, sabendo que esse conhecimento acompanhará o falante em toda sua vida nas práticas sociais de uso da escrita. O processo da escrita ortográfica deve ser encarado como algo que perdurará por todo processo de ensino-aprendizagem, levando em conta que é comum se ter dúvidas a respeito de como determinada palavra é grafada, quando essa grafia não está armazenada em nosso léxico mental. A ocorrência dessa hesitação se deve principalmente ao fato de a relação letra e fonema, no âmbito

da língua portuguesa, nem sempre ser biunívoca, ou seja, quando um determinado som sempre é representado por um mesmo grafema e vice-versa. Portanto, é fundamental armazenar em nosso léxico mental a imagem da palavra escrita, junto ao seu significado e à sua pronúncia.

Nesse contexto de estudo de aquisição da ortografia, desenvolveu-se uma pesquisa de campo em ambiente escolar, ancorada em levantamento bibliográfico a respeito do tema, com o objetivo de implementar noções e estratégias de Programação Neurolinguística (PNL), para se apreender a ortografia de palavras compostas de modo a condicionar o aluno a utilizar a memória visual como estratégia de aprendizagem da escrita de uma palavra. Com isso, empreendeu-se investigar a efetividade das técnicas de memorização da ortografia propostas pela PNL, implementando em sala de aula um estudo dos princípios e estratégias da PNL, suas técnicas de memorização, no ensino do conteúdo de palavras compostas, em que o uso ou não do hífen geralmente é uma dificuldade para o aluno.

Para apresentar esse estudo, em um primeiro momento, trata-se do conceito de ortografia e do mecanismo de formação de palavras compostas e, na sequência, abordam-se os fundamentos e princípios da Neurolinguística, por meio dos seguintes tópicos: um breve histórico sobre o seu surgimento e sua conceituação; uma abordagem da Programação Neurolinguística e a aprendizagem, tratando dos sistemas representacionais, das ações *rapport e feedback*, e das inteligências múltiplas que devem ser consideradas para dinamizar o processo de aprendizagem. Por fim, é detalhada a metodologia da pesquisa de campo desenvolvida e se apresenta a análise e discussão dos resultados, seguidos da conclusão.

1. Ortografia de Palavras Compostas

A palavra “ortografia” deriva das palavras gregas *ortho* que significa correto e *grafos* que significa escrita. A técnica da escrita é um meio de representação da linguagem falada por meio de signos gráficos. Essa representação segue regras ditadas pela gramática normativa, conhecida como ortografia. Conforme Bechara cita em sua *Gramática Fácil* (2014):

Ortografia é um sistema oficial convencional pelo qual se representa na escrita uma língua. Em geral, nas línguas modernas, o sistema de grafia oficial regula-se por princípios gerais que procuram, além do uso, estabelecer razoável compromisso entre a *pronúncia* e a *etimologia*, isto é, a tradição oral e a origem e história das palavras. (p.159)

Portanto, nessa conceituação de ortografia apresentada por Bechara (2014) é ressaltado o fato de que não há uma correlação necessária entre a pronúncia da palavra e a sua escrita, até porque isso seria impossível, uma vez que não existe uma pronúncia unificada, considerando toda a variação das línguas nos contextos sociais e geográficos, além da história etimológica da palavra.

A língua é dinâmica uma vez que, como meio de interação no contexto de uma sociedade, ela se renova de acordo com os fatores socioculturais da comunidade que a fala. A esse respeito, Bechara (2014, p. 143) explica que a língua se desenvolve a partir do convívio social e que esse ambiente é propício para originar palavras novas e elas surgem a partir das necessidades culturais, científicas e comunicação de cada sociedade.

A Morfologia Lexical é o expediente da gramática que trata da construção da unidade lexical da palavra que pode ser feita por processo de derivação ou de composição. Interessa-se, nesse estudo, focalizar as palavras que resultam de mecanismo de composição.

Rodrigues e Alves (2015, p. 8) explicam que “a unidade lexical composta apresenta, no português brasileiro, uma gama de diferentes construções. Compostos podem ser constituídos por duas ou mais bases livres, por bases presas e por bases livres e presas.”

Esse mecanismo de composição é um processo bastante produtivo na língua portuguesa, em que se combinam elementos de diferentes classes gramaticais, conforme Cardoso (2015) explica:

Por meio da combinação de elementos pertencentes a várias classes gramaticais, as composições são de origem, de forma mais recorrente, a substantivos e adjetivos, embora verbos e advérbios sejam também formados por esse processo. (p. 111)

Ainda Bechara (2014) conceitua palavras compostas como “a junção de dois ou mais radicais identificáveis pelo falante numa unidade nova de significado único e constante: *papel-moeda, boquiaberto*”.

Pelos dois exemplos citados por Bechara como palavras compostas, fica evidente que a junção entre essas palavras pode ser representada na ortografia por meio de hífen ou juntas, sendo justapostas, como em *beija-flor* (com hífen) e *dia a dia* (sem hífen), ou aglutinadas, com elisão de elementos fônicos, por exemplo, *aguardente* ou, sem apagamento, como *minissaia*.

Portanto, há duas subclassificações dos mecanismos de criação de palavras compostas, que são justaposição e aglutinação. A justaposição ocorre quando as duas palavras ao se

juntarem não perdem nenhum elemento, seja ele gráfico ou fônico e, geralmente, possuem hífen e a aglutinação se realiza quando, ao gerar a nova palavra, as duas primitivas são aglutinadas, e geralmente perdem algum elemento.

Por esses motivos, de poderem ser escritas juntas ou separadas, pode-se afirmar que a ortografia das palavras compostas, nas quais o falante reconhece a presença composicional de mais de uma palavra ou base juntas, logicamente, apresenta uma dificuldade maior para decidir sobre sua representação gráfica, quando se baseia somente na pista auditiva. É preciso se certificar da escrita, buscando, na memória, a imagem da palavra escrita.

Por isso, as dúvidas no momento de grafar as palavras podem ser dirimidas quando se têm maior domínio das regras prescritas pela gramática normativa quanto à ortografia. É nessa perspectiva de estudo da ortografia como um processo de aquisição da escrita é que se inserem as estratégias da Programação Neurolinguística, a qual apresenta técnicas para a memorização específica da ortografia, da imagem da palavra, o que pode dinamizar o ensino da escrita no contexto da escola, o que é uma necessidade pelos trabalhos que tem sido escritos na área da docência.

Nesse sentido, citam-se Martins e Amaro (2016) que refletem sobre essa dificuldade dos alunos em aprender e dos professores em ensinar ortografia.

Surgem alguns questionamentos no que diz respeito a como ensinar e a como aprender, tais como: de que maneira se deve ensinar a ortografia? A escola está cumprindo o seu papel no ensino da ortografia? Por que, em uma mesma turma, encontramos alunos que avançam e outros com tantas dificuldades em aprender a escrita ortográfica? (p. 444).

Ainda a esse respeito, Borges *et. al.* implementaram a aplicação das estratégias da PNL ao ensino de ortografia ao que se refere especificamente à representação da tonicidade, no caso, quando se acentua ou não a palavra.

Os resultados do teste inicial apontaram que os alunos apresentavam dificuldades em relação à acentuação gráfica de algumas palavras, com um número geral de acertos igual a 64, 98%. Constatou-se que, ao realizar o teste final, um número geral de acertos de 80,73% das palavras, o que foi positivo para atestar a efetividade da PNL como estratégia dinamizadora da aprendizagem da ortografia (2016, p. 339).

Os resultados de outros trabalhos de aplicação da PNL para memorização da ortografia em pontos específicos que trazem maiores dificuldades para os alunos como a acentuação gráfica servem de subsídios para esse estudo.

2. A Neurolinguística

2.1 Surgimento e Conceituação

O primeiro estudo em Programação Neurolinguística (PNL) foi realizado na década de 1970, por Richard Bandler, estudante universitário de Psicologia, da Universidade da Califórnia em Santa Cruz, o qual teve contato com a capacidade de comunicação e seus efeitos positivos, de Fritz Perls, criador da Gestalt-terapia, e Virgínia Satir, terapeuta familiar.

Buscando investigar o tamanho êxito dessa técnica para dinamizar a comunicação, solicitou apoio de John Grinder, seu professor de linguística para desenvolver seus estudos. Então foram gravados vídeos dos *workshops* de Perls e Satir, com o objetivo de estabelecer e decifrar os padrões utilizados pelos terapeutas. Desse modo, Bandler formulou o primeiro padrão da PNL, cunhado de “Metamodelo de Linguagem ou Modelagem”, presente em seu livro *A Estrutura da Magia* (1975).

A Neurolinguística investiga a estrutura da experiência subjetiva. Jairo Mancilha, *Master Coach* e diretor do Instituto Neurolinguística Aplicada (INAP), conceitua-a, de um modo geral, como:

A PNL estuda como o cérebro e a mente funcionam, como criamos nossos pensamentos, sentimentos, estados emocionais e comportamentos e como podemos direcionar e otimizar esse processo. Em outras palavras, ela estuda como o ser humano funciona e como ele pode escolher a maneira que quer funcionar. (s/d, p. 02)

Sendo assim, a PNL não se propõe a se tornar uma verdade absoluta ou o único modo de se fazer determinada coisa, seu principal objetivo é ampliar o “leque” de estratégia do indivíduo, como “possibilidade de modelagem do comportamento humano e de suas linguagens, tanto verbal, quanto não verbal” (BORGES et. al., 2016, p. 411).

2.2 A PNL e o Ato de Aprender

Robert Dilts e Todd Epstein, importantes pesquisadores e divulgadores da PNL, apresentam na introdução do livro *Aprendizagem Dinâmica-(vol.1, p.17)* que o ato de aprender ocorre através da experiência, ou seja, quanto mais fazemos determinada coisa ou praticamos, desenvolvemos uma “competência inconsciente” e, quando menos, espera-se, aquilo que antes era feito de forma lenta se torne automático.

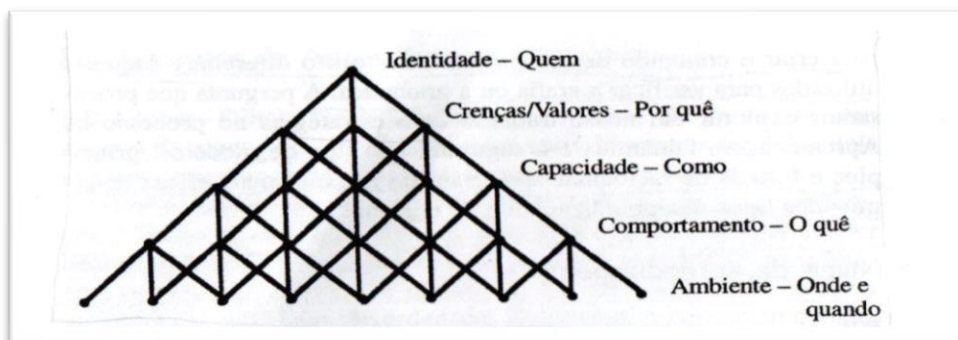
Partindo desse pressuposto, os autores comparam o ato de aprender a andar de bicicleta e o de soletrar, enquanto o primeiro é realizado com a interação e o estímulo dos pais e familiares, o segundo é feito encarando um livro, uma lousa ou alguém explicando. Com isso, apresenta-se a seguinte problematização no livro: “Aprender alguma coisa como soletrar ou ler é realmente tão diferente de aprender a andar de bicicleta, a ponto de exigir métodos de aprendizagem tão distintos?” (DILTS; EPSTEIN, p.17).

Buscando correlacionar esse cenário de aprendizagem com o ambiente da sala de aula, observa-se que muitos professores não utilizam em sua metodologia o encorajamento com seus alunos tampouco consideram importante que haja a interação entre eles, ao contrário de quando se passa pela experiência de aprender a andar de bicicleta, quando sempre tem alguém ajudando e/ou encorajando. Já a PNL foca no “como aprender” ao invés de meramente repassar o conteúdo e afirma que quando se tem o fator interatividade, o ato de aprender deixa de ser algo solitário e se torna cooperativo, em que um pode ajudar o outro, ao invés de apenas sentar-se em uma cadeira, olhando para um quadro negro/branco, e ficar ouvindo outra pessoa falando por um longo tempo.

A aprendizagem dinâmica acredita que o fenômeno do aprender não ocorre apenas em um nível, ao contrário do que muitos consideram. Isso quer dizer que fatores internos como valores, crenças, identidade, autoestima influenciam o aprendizado tanto quanto os externos (DILTS; EPSTEIN, p. 25).

Dilts e Epstein (1999) ilustram os níveis de influência da aprendizagem através da seguinte pirâmide:

Figura 1- Pirâmide dos níveis de influência da aprendizagem



Fonte: *Aprendizagem dinâmica*, vol., p. 26.

Conforme a Figura 1 apresenta, o ato de aprendizagem sai do nível superficial (externo), no caso do ambiente onde e quando ocorre o fenômeno e avança até níveis mais profundos,

como o da identidade. De um modo geral, os fatores que contribuem para o ato de aprender, constituem os Sistemas Representacionais, que são abordados nesta sequência.

2.3 Sistemas Representacionais

Cada indivíduo aprende e raciocina através dos cinco sentidos, o que é conceituado pela PNL como *Sistemas Representacionais*. Contudo, dentre os cinco sentidos amplamente conhecidos, segundo Dilts e Epstein, os que são mais utilizados em nossa interação com o mundo e conseqüentemente na aprendizagem são: o tato, a visão e a audição. E, no contexto da sala de aula, há determinadas pistas que podem auxiliar o professor na hora de identificar em cada aluno qual o sistema preferido no processo de aprendizagem.

Dilts e Epstein (1999, p. 43-57) trazem dois modelos que mostram como os sistemas representacionais influenciam na eficiência do ato de aprender. O primeiro é denominado *ROLE* e, o segundo, *BAGEL*, cujos nomes são siglas que representam um conjunto de letras iniciais de diversas palavras ou expressões que são conceitos específicos a esses modelos.

Quanto ao Modelo *ROLE*, o “R” está relacionado aos sistemas representacionais. Reiterando a explicação dada anteriormente, Dilts e Epstein (1999) esclarecem que:

Cada sistema representacional capta qualidades básicas das experiências que percebe. Essas qualidades incluem características como *cor, brilho, tom, sonoridade, temperatura, pressão* etc. Essas qualidades são chamadas de “submodalidades” em PNL, uma vez que são subcomponentes de cada um dos sistemas representacionais. (p.44)

Sendo assim, é importante lembrar que todos os sistemas representacionais estão interligados, portanto o estímulo que determinado sistema recebe poderá gerar uma reação em outro, que será determinada de acordo com a representação interna do indivíduo e, modificando-a, haverá mudança na percepção do ambiente externo, conforme a Figura 2 demonstra.

Figura 2- Percepção e comunicação



Fonte: Joseph O' Connor apud Mancilha (s/d p. 5).

Contextualizando essa imagem apresentada pela Figura 2 no âmbito da aprendizagem, a realidade externa seria o que está sendo ensinado ao aluno, que passará pelos sistemas representacionais e, em seguida, pelos filtros e, finalmente, alcançará a representação interna onde haverá reflexo no estado, na fisiologia e no comportamento do aluno, e todos esses fatores influenciam um ao outro.

Seguindo com a apresentação do significado de cada letra do Modelo *ROLE*, tem-se a letra “O” de “Orientação” que, segundo Dilts e Epstein (1999, p.44), verifica se determinada representação sensorial encontra-se externamente (mundo exterior) ou internamente (voltada às experiências lembradas e construídas), também auxilia a encontrar qual sistema apropriado para determinada tarefa, conforme os autores supracitados explicam:

No modelo da PNL, as pessoas geralmente têm uma orientação e um sistema representacional muito valorizado ou preferido para determinadas tarefas e contextos. Com frequência, as diferenças nas preferências do sistema representacional são responsáveis pelas diferenças no desempenho relativas a diversas atividades de aprendizagem (DILTS; EPSTEIN, 1999, p.44)

É importante entender que uma pessoa pode ter mais de um sistema desenvolvido e, nessa situação, existirão atividades em que uma será mais eficiente. Para desenvolver os demais sistemas, é necessário o uso de estratégias corretas para cada um, ou seja, praticar atividades que estimulem o sistema que se deseja desenvolver.

A próxima letra da sigla *ROLE* é “L” de Ligação, que se refere a como uma representação ou etapa se liga a outras representações, ou seja, uma música que se ouve ou um texto que se lê poderá se ligar a um sentimento interno do indivíduo. Dessa maneira, poderá trazer para o ambiente da aprendizagem, sentimentos ligados à forma como o professor se porta dentro da sala de aula ou algum exemplo dado, pode vir a fazer o aluno ser ligado tanto à uma

memória/sensação boa quanto ruim, e, no caso dessa segunda alternativa, poderá gerar um bloqueio no aluno.

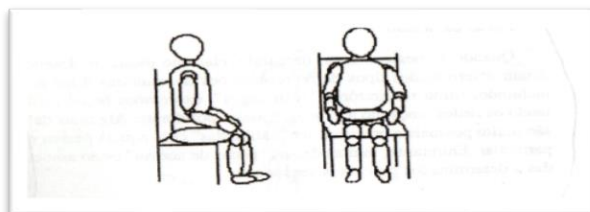
Dilts; Epstein (1999, p. 46) listam dois tipos de ligações, a sequencial, quando uma representação vem seguida de outra e agem como *âncoras* ou gatilhos; e a simultânea, quando ocorre o fenômeno chamado *sinestesia*, a qual é definida pelos autores como “determinadas qualidades de sentimentos que podem estar ligadas a determinadas qualidades de imagens [...]” (p.46). Um bom exemplo dado pelos autores é quando uma pessoa diz que “visualiza” a forma de um som ou “ouve” uma cor.

A última letra de *ROLE* é “E”, que designa “Efeito”, o qual vem a ser o resultado ou objetivo de cada parte do processo do pensamento. Portanto, é a consequência do que se foi feito ou pensado. Sendo assim, para obter o efeito desejado, é necessário uma estratégia específica que caberá ao indivíduo identificar a mais apropriada para utilizar. Logo, tem-se *ROLE* como um modelo de *Representação, Orientação, Ligação e Efeito*.

No segundo modelo, que é denominado *BAGEL*, os autores reuniram várias estratégias/pistas que a PNL utiliza para ajudar a identificar qual(is) sentido(s) está(ão) sendo utilizado(s) em determinadas situações. Assim, como no modelo anterior, cada letra da palavra (ou sigla) *BAGEL* possui um significado ligado a um conceito no contexto desse modelo.

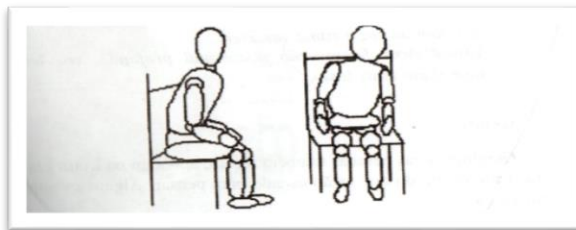
A letra “B” designa o conceito de *Body Posture* (postura corporal) em que é mostrado como o sistema representacional influencia a postura da pessoa quando está pensando ou aprendendo. Nas figuras que se seguem, apresentam-se imagens que demonstram como é a postura de cada sistema representacional referente aos cinco sentidos:

I. **Figura 3 - Representação Visual: Encostada, cabeça e ombros erguidos, respiração superficial.**



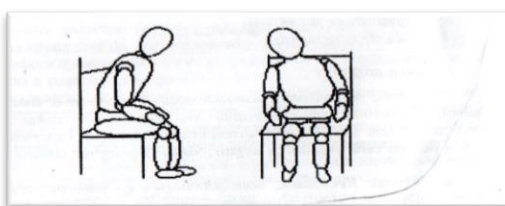
Fonte: Dilts; Epstein, 1999, p. 49, vol. I.

II. **Figura 4 - Representação Auditiva: corpo curvado para frente, cabeça para o lado, ombros para trás, braços apoiados.**



Fonte: Dilts; Epstein, 1999, p. 49, vol. I.

III. **Figura 5- Cinestésico: Cabeça baixa, ombros curvados, respiração profunda.**



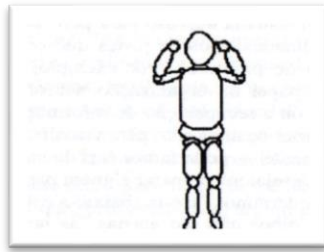
Fonte: Dilts; Epstein, 1999, p. 49, vol. I.

A segunda letra da palavra *BAGEL*, a letra “A”, representa o conceito designado de *Accessing Cues* (Pistas de Acesso), as quais servem de indicadores para demonstrar as diferentes representações que as pessoas têm quando está pensando, que vão desde as representações “gerais” às mais pessoais. Segundo os autores, essas pistas precisam ser calibradas, ou seja, equilibradas. Dilts; Epstein (1999, p.50) trazem a seguinte lista de exemplos de “Pistas de Acesso” para cada sistema representacional:

- I. **Representação Visual:** Respiração superficial alta, olhos semicerrados, tom de voz mais elevado com ritmo mais rápido.
- II. **Representação Auditiva:** Respiração diafragmática, sobrancelhas franzidas, tom de voz e ritmo variáveis.
- III. **Representação Cinestésica:** Respiração abdominal profunda, voz baixa num ritmo mais lento.

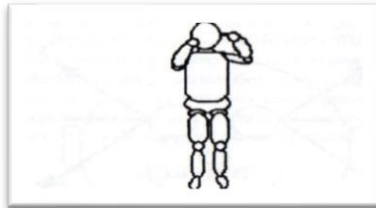
A terceira letra da sigla do modelo *BAGEL*, “G”, significa *Gestures* (Gestos), referindo-se ao conceito de que quando uma determinada pessoa está pensando, ela aponta ou gesticula perto do órgão que representa o sentido que está sendo utilizado naquele momento, conforme se ilustra por meio da Figura 6.

Figura 6 - Representação Visual: gestos feitos acima do nível dos olhos.



Fonte: Dilts; Epstein,, 1999, p. 51, vol. I.

Figura 7 – Representação Auditiva: gestos feitos próximo as orelhas, tocar maxilar ou boca.



Fonte: Dilts; Epstein, 1999, p. 51, vol.I.

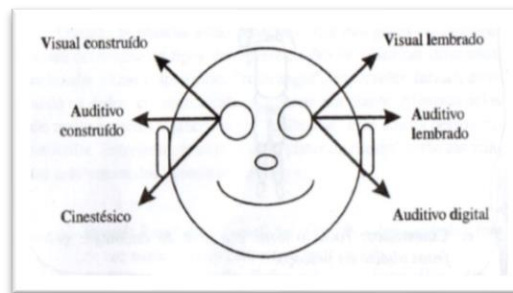
Figura 8 – Representação Cinestésica: gestos realizados abaixo do pescoço.



Fonte: Dilts; Epstein, 1999, p. 51, vol.I.

A letra “E” da sigla *BAGEL* significa *Eye Movements* (Movimentos Oculares) que, conforme apontado no livro *Aprendizagem Dinâmica* (1999), prepara o sistema nervoso para perceber ou recuperar informações. É necessário ressaltar que, para a PNL, os olhos possuem um grande e importante papel quando se quer descobrir como alguém está raciocinando em determinado momento (DILTS; EPSTEIN, 1999, p. 52). Na Figura 9, ilustram-se os movimentos oculares e seu significado:

Figura 9 -Movimentos Oculares



Fonte: Dilts; Epstein, 1999, p. 52, vol.I.

Cada pista ilustrada tem um significado específico, os quais são:

- I. Visual lembrado: relacionado à última lembrança visual; quando quer se lembrar de algo que foi visto, os olhos são direcionados, inconscientemente, para o canto superior esquerdo.
- II. Auditivo lembrado: relacionado à última lembrança auditiva; quando quer se lembrar de uma música que foi ouvida, por exemplo, os olhos, inconscientemente, se direcionam para a esquerda em uma linha horizontal.
- III. Auditivo digital: também denominado diálogo interno, está relacionado literalmente ao “falar sozinho”; quando se realiza tal fenômeno, os olhos direcionam-se de modo inconsciente para o canto inferior esquerdo.
- IV. Visual Construído: está relacionado com a construção visual; quando alguém quer criar uma imagem, direcionará os olhos, de forma inconsciente, para o canto superior direito.
- V. Auditivo construído: relaciona-se à construção auditiva; quando é preciso compor uma melodia para uma música, os olhos se moverão, inconscientemente, para a direita no sentido horizontal.
- VI. Cinestésico: está ligado às sensações, quando se está em uma situação que exija do indivíduo sentir algo como em um abraço, o indivíduo moverá seus olhos, automaticamente, para o canto inferior direito.

O quinta e última letra da sigla *BAGEL*, a letra “L” significa *Language Patterns* (Padrões de Linguagem). Este conceito está relacionado ao modo pelo qual podemos identificar o sistema representacional do indivíduo através das palavras que ele utiliza no momento em que está se expressando, o que a PNL denomina como predicados. Dilts e Epstein (1999) alistam algumas palavras que servem como indicadores de cada sistema representacional e, portanto,

“denunciam” qual é o sistema representacional que está sendo utilizados pelos interlocutores no momento da interação verbal. Para fins didáticos, essas palavras foram reunidas no Quadro 1.

Quadro 1: Verbos dos Sistemas Representacionais

Visual	Auditivo	Cinestésico
Ver	Ouvir	Pegar
Olhar	Escutar	Tocar
Visão	Som	Sentimento
Claro	Ressoante	Sólido
Brilhante	Alto	Pesado
Imagem	Palavra	Lidar
Obscuro	Barulhento	Áspero
Esclarecer	Toca um sino	Associar
Mostrar	Dizer	Mover

Fonte: Adaptado de Dilts e Epstein (1999).

Esclarecendo, no entanto, que não são apenas essas palavras listadas acima que denunciam o sistema representacional, os autores apenas usaram essas como exemplo.

2.4 Rapport e Feedback

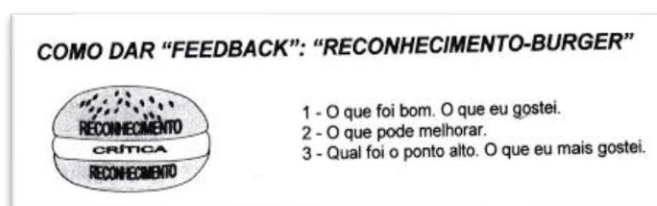
O conceito de *Rapport* e *Feedback* no contexto da PNL diz respeito às relações interpessoais, em geral. Mas, é muito importante a sua aplicabilidade no que se refere aos relacionamentos entre professor-aluno no contexto do ensino-aprendizagem.

Na sala de aula é fundamental que o professor crie *rapport* (empatia) com a turma para a qual está lecionando. Isso quer dizer que, para que atraia a atenção dos alunos, é necessário que o docente adote o padrão de comportamento e linguagem dos alunos, de modo que consiga entrar no mundo deles. Dessa forma, os alunos prestarão atenção no que está sendo explicado, conforme ressalta Mancilha (s/d):

Quando se está em rapport com alguém, ele estará prestando atenção a você, aberto a ouvir o que você tem a dizer e isso facilita acordos. Então, o rapport pode facilitar a maneira de conseguir os resultados que você quer. (MANCILHA, p.19)

Nas escolas, muitas vezes, quando o professor passa alguma atividade ou trabalho, nem todos os alunos alcançam o resultado esperado e, na hora de receber o *feedback*, o professor acaba pontuando apenas o “erro” do aluno. Tendo isso em mente, Mancilha (s/d) formula o um esquema denominado de “Reconhecimento-Burger”, conforme é apresentado pela Figura 10.

Figura 10: Reconhecimento-Burger



Fonte: Mancilha, s/d.

Ao analisar o que está pressuposto pela imagem da Figura 10, pode-se entender que não se deve apenas apontar os “erros” dos alunos ou de quem está inserido no ato de aprender, pelo contrário, é importante elencar e reconhecer aquilo que foi bom, o que pode melhorar e também os pontos altos do processo. Quando isso não é feito, o discente certamente se sentirá desmotivado e, para PNL, a motivação é fundamental quando se trata da aprendizagem.

2.5 Inteligências Múltiplas

Ainda se tratando do ambiente escolar, ouve-se muito a expressão “eu sou burro” por parte dos alunos e também na fala de alguns professores fazendo referência a seus alunos. Contestando essa crença, o pesquisador americano Howard Gardner, Doutor em Psicologia do desenvolvimento (1971), detectou, em seu mais famoso livro *Estruturas da Mente* (1983), oito dimensões da inteligência presentes no ser humano, sendo que umas são mais desenvolvidas que outras, conforme as particularidades de cada indivíduo. Essas inteligências foram denominadas de “Inteligências Múltiplas”, as quais estão esquematizadas na Figura 11.

Figura 11: Inteligências Múltiplas



Fonte: Produção da autora baseado em Gardner (1971) apud Mancilha (s/d).

Essas inteligências são assim compreendidas:

1. Linguística: facilidade em discursar, escrever e comunicar-se. Por exemplo, escritores, atores, entre outros, possuem essa inteligência bem desenvolvida.
2. Lógica e Matemática: facilidade para pensar logicamente, fazer contas matemáticas. Economistas, engenheiros, investigadores, geralmente, possuem essa inteligência bem desenvolvida.
3. Visual e Espacial: facilidade com visualização e criação de imagens, desenhar e possuir uma orientação de espaço. Desenhistas, arquitetos e etc. possuem essa inteligência bem desenvolvida.
4. Musical: Facilidade em tocar algum instrumento musical, compor músicas. Compositores, cantores e etc. geralmente possuem essa inteligência bastante desenvolvida.
5. Corporal ou Cinestésica: facilidade em usar com êxito as mãos e corpo. Dançarinos, artesãos e etc. geralmente possuem essa inteligência bastante desenvolvida.
6. Interpessoal ou Social: facilidade para trabalhar e se relacionar com as pessoas. Professores, vendedores e etc. geralmente possuem essa inteligência bem desenvolvida.
7. Intrapessoal: facilidade para entrar em contato consigo mesmo e fazer uma autoanálise. Bons terapeutas, filósofos e etc. geralmente possuem essa inteligência bem desenvolvida.
8. Naturalista: facilidade para lidar com a natureza. Fazendeiros, agricultores e etc. geralmente possuem essa inteligência bem desenvolvida.

Em seus estudos, Howard Gardner ressalta que todos temos tendências individuais quanto à forma de aprender, o que se evidencia pelas nossas preferências e competências e que estas tendências podem ser englobadas numa das oito inteligências. Por isso, o professor precisa empregar uma metodologia de ensino que contemple diferentes estratégias de aprendizagem, para que se consiga atingir a esses tipos de inteligências.

2.6.A PNL e Soletração

A soletração é algo importante no que concerne o conhecimento linguístico. A habilidade de dominar bem a ortografia, segundo Dilts e Epstein (1999) atestam em seu segundo volume do livro *Aprendizagem Dinâmica* e Dilts (2004) também enfatiza em seu artigo “A estratégia de soletração da PNL”, não se trata de algo genético e sim de uma estrutura cognitiva utilizada pelo praticante ao soletrar. Isso quer dizer que há pessoas que se destacam mais que outras nessa habilidade, mas não quer dizer que sejam melhores, apenas a estratégia empregada por elas é mais eficiente, conforme é explicado pelos autores:

Soletrar é uma habilidade de linguagem importante e fundamental, que não ocorre “naturalmente” para todos. Na verdade, pessoas inteligentes que se sobressaem na sala de aula, mesmo em habilidades de linguagem, podem ter muita dificuldade para soletrar. [...]Se as pessoas têm dificuldade para soletrar, não é porque são “estúpidas”, “preguiçosas” ou “incapazes de aprender”, mas porque estão tentando usar um programa mental ineficaz (DILTS; EPSTEIN, 1999, p. 24, vol II).

Portanto, a habilidade de “soletrar” não se adquire naturalmente, é preciso de uma boa estratégia e, acrescenta-se, de *Rapport*. Retomando o conceito de *Rapport*, o professor ou quem estiver ensinando pode representar um papel tanto motivador quanto traumatizador para o aluno na hora de soletrar. No último caso, o ato da soletração será ligado a algo ruim na mente do aprendiz, criando, dessa forma, um bloqueio, de modo que a pessoa não conseguirá enxergar nenhuma possível estratégia eficiente. Em casos como este, deve-se detectar qual a natureza do bloqueio e como ajudar o aluno a vencer tal barreira que o impede de alcançar seu objetivo, ou seja, aprender a soletrar.

Ainda retoma-se o que foi anteriormente explicado por Dilts (2004) sobre o fato de muitas pessoas não conseguirem soletrar ou acertar a grafia de algumas palavras. Nesse caso, as

estratégias empregadas por elas estão sendo ineficazes, como se apoiar no canal auditivo, o que ocorre desde a alfabetização, pois, quando normalmente o indivíduo começa a ter maior contato com a escrita das palavras, ele é condicionado a associar a escrita da palavra ao canal auditivo ao invés do visual. Conforme Dilts e Epsteins (1999) apontam, essa não é a melhor opção para se aprender a ortografia, pois, muitas vezes, o som não dá a resposta correta quanto à grafia da palavra. É importante ressaltar que, para algumas palavras, como as de representação biunívoca, tal estratégia pode até ser eficaz, porém há outras que não terão êxito se for usado o mesmo raciocínio. No caso da escrita das palavras compostas, as quais são focalizadas neste estudo, através do canal auditivo, não há como saber se a palavra deve ser ou não grafada com hífen, separadas ou juntas.

Dessa forma, a PNL apresenta um conjunto de estratégias que condicionam o praticante a utilizar o canal visual para soletrar e, com isso, ter mais chances de obter êxito no processo de aprendizagem. Assim, verificam-se os passos propostos por Dilts de como utilizar a Programação Neurolinguística para a memorização da ortografia.

1º passo: observar a palavra para conhecer a grafia da palavra.

2º passo: mentalizar a palavra, para familiarizar-se com a forma do vocábulo.

3º passo: conduzir o olhar ao canto superior esquerdo.

4º passo: soletrar, momento em que é falado letra por letra.

5º passo: soletrar a palavra ao contrário, para aprendizagem da estrutura da palavra como um todo.

6º passo: escrever a palavra preferencialmente em um caderno ou similar que seja utilizado para tal finalidade.

Para se escrever palavras compostas, objetiva-se verificar a implementação dessas estratégias para memorização da ortografia. Desse modo, esses passos compreendem a técnica da memorização da imagem da palavra na PNL.

3. Procedimentos Metodológicos

Com o objetivo de verificar a efetividade de aplicação das estratégias da PNL para a memorização da ortografia, especificamente em referência a palavras compostas, empregou-se

como metodologia a realização de pesquisa de campo, no contexto escolar, com aplicação de testes diagnóstico (inicial) e de verificação (final) e desenvolvimento de aulas planejadas, tendo como aporte teórico a PNL. A pesquisa é de natureza quantitativa e, para tanto, os dados receberam tratamento estatístico.

Foi desenvolvida junto a uma turma do 1º ano do ensino médio de uma das escolas estaduais do Amazonas, localizada na cidade de Manaus. Para coleta de dados, constituiu-se uma lista de 30 palavras, contemplando palavras compostas por justaposição e por aglutinação, com e sem hífen, as quais foram ditadas aos alunos, primeiramente, como Teste Inicial e, posteriormente, como Teste Final. Apresenta-se, no Quadro 2, a lista de palavras empregadas nos testes.

Quadro 2 - Teste Inicial e Final

1. Dia a dia	16. Planalto
2. Vinagre	17. Embora
3. Beija-flor	18. Pernalta
4. Cronômetro	19. Boquiaberto
5. Arco-íris	20. Cabisbaixo
6. Cachorro-Quente	21. Pontapé
7. Cavalo-Marinho	22. Arranha-Céu
8. Pé de Moleque	23. Lava-Louças
9. Guarda-chuva	24. Para-Raios
10. Segunda-Feira	25. Pontagudo
11. Paraquedas	26. Couve-Flor
12. Peixe-espada	27. Hidrelétrico
13. Queima-Roupa	28. Roda-Gigante
14. Passatempo	29. Pernilongo
15. Guarda-roupa	30. Porta-malas

Fonte: Autoria própria

O critério estabelecido de se utilizar as mesmas palavras nos testes inicial ou final justifica-se pelo objetivo desse estudo, que pretende verificar quantitativamente a efetividade das estratégias da PNL como técnica de memorização da imagem das palavras e, portanto, faz-se necessário comparar esses resultados em referência às mesmas palavras. Amos os testes foram aplicados à totalidade dos alunos da sala. Do primeiro teste participaram 27 alunos; do segundo, desses 27 alunos, somente 17 estiveram presentes, os quais constituíram então o

corpus de análise desse estudo.

Como procedimentos para a coleta de dados, a pesquisa se desenvolveu em três momentos: aplicação de teste inicial, desenvolvimento de aulas planejadas para o estudo das palavras compostas e da PNL como estratégia para memorizar a escrita dessas palavras e, por fim, a aplicação do teste final.

Destaca-se aqui o segundo momento da coleta de dados que foi a ministração do conteúdo, intitulado: “Aprendendo a aprender: Palavras Compostas”, desenvolvidos em oito aulas de 50 minutos. Nessas aulas, estudou-se sobre as palavras compostas como um expediente da Morfologia para ampliação do léxico e os mecanismos de justaposição e aglutinação que são empregados nesse processo de formação de novas palavras. Esse ensino foi feito explicando os conceitos básicos da PNL e aplicando suas estratégias como técnicas para memorização da ortografia dessas palavras.

Durante as aulas das noções de PNL, que abrangeram conceitos e alguns princípios tratados nessa área de estudo, como inteligências múltiplas, sistemas representacionais e a estratégia de soletração da PNL, foram utilizados como estratégias para facilitarem a aprendizagem dos alunos.

Quanto às aulas sobre palavras compostas, após serem explicados os conceitos e apresentarem-se exemplos dessas ocorrências, foram utilizados os passos da Programação Neurolinguística (PNL), listados na seção 3, para a memorização da escrita correta das palavras, através do emprego da “Estratégia de Soletração da PNL”.

As estratégias de soletração da PNL foram trabalhadas com os alunos por meio de slides que demonstravam os cinco passos para a memorização da imagem da palavra, ou seja, da sua ortografia, por meio da Pista de Acesso Visual. Os alunos praticaram essa estratégia da PNL, buscando memorizar cada uma das 30 palavras do ditado do teste inicial.

Figura 12 – Representação das Estratégias de Soletração



Fonte: Elaboração Própria

5. Análise e Discussão dos Resultados

Ao fim da aplicação do conteúdo selecionado para a pesquisa, foi aplicado o teste final. Como dito anteriormente, foram utilizadas as mesmas palavras do teste inicial. Desta vez, os alunos utilizaram o conhecimento adquirido ao longo da aplicação da pesquisa para responderem ao ditado. Na Tabela 2, apresenta-se, comparativamente, o número de acertos na ortografia das 30 palavras dos testes inicial e final:

Tabela 2 – Comparação do desempenho ortográfico nos testes inicial e final.

	Teste inicial	Teste Final		Teste inicial	Teste Final
1.Dia a dia	41%	76%	16.Planalto	88%	94%
2.Vinagre	94%	100%	17.Embora	82%	100%
3. Beija-flor	71%	76%	18.Pernalta	76%	100%
4.Cronômetro	94%	94%	19.Boquiaberto	35%	88%

5. Arco-íris	65%	71%	20.Cabisbaixo	53%	88%
6.Cachorro-Quente	53%	53%	21.Pontapé	35%	35%
7.Cavalo-Marinho	53%	47%	22.Arranha-Céu	47%	71%
8.Pé de Moleque	65%	76%	23.Lava-Louças	47%	71%
9.Guarda-chuva	71%	88%	24.Para-Raios	53%	65%
10.Segunda-Feira	76%	76%	25.Pontiagudo	29%	35%
11.Paraquedas	59%	94%	26.Couve-Flor	71%	82%
12.Peixe-espada	53%	59%	27.Hidrelétrico	18%	41%
13.Queima-Roupa	35%	59%	28.Roda-Gigante	53%	47%
14.Passatempo	35%	71%	29.Pernilongo	59%	65%
15.Guarda-roupa	47%	88%	30.Porta-malas	53%	53%

Fonte: Elaborado pela autora.

Na análise dos resultados do teste inicial, estabelecendo como critério para ser considerado como um bom domínio da ortografia um número de acertos igual ou acima de 80%, verifica-se que, das 30 palavras do ditado, somente quatro estão nesse grupo, as quais são: *vinagre*, *cronômetro*, *planalto*, *embora*, o que evidencia a dificuldade dos alunos na ortografia. As maiores dificuldades foram referentes à escrita das palavras hidrelétrico (18%), grafadas, por exemplo, como: *Ideletrico, ocorrido três vezes, e *Idelétrico, ocorrido duas vezes; passatempo (35%) como: *passa tempo, ocorrido seis vezes, e passa-tempo, ocorrido quatro vezes.

Correlacionando, os resultados do teste inicial com o do final, verifica-se que houve um acentuado avanço no domínio da ortografia em referência às palavras contidas no ditado, o que se constata pelo aumento da porcentagem de acertos. Constatou-se que, das 30 palavras, somente três delas, que foram cronômetro, cachorro-quente e segunda-feira, não apresentaram um aumento de acertos no teste final e, ainda cinco não oscilaram entre os dois testes, as quais foram: passatempo, guarda-roupa, arranha-céu, lava-louças e para-raios. Por outro lado, três palavras obtiveram 100% de acertos no teste final: vinagre, embora e pernalta. Portanto, na somatória desses resultados, atestou-se que houve um aumento de acertos de 76,6%.

CONCLUSÃO

Por meio desse estudo, ficou evidente que alunos, após, no mínimo, oito anos de estudo, já cursando o 1º ano do ensino médio, ainda apresentam muitas dificuldades quanto à ortografia das palavras. Certamente, esse grupo não representa um caso isolado, pois a aquisição da ortografia é um processo que precisa ser estimulado, acompanhado com boas estratégias para que se tenha um resultado satisfatório.

Por isso, acredita-se que as estratégias da Programação Neurolinguística aplicadas durante as oito aulas no âmbito dessa pesquisa surgiram um efeito satisfatório, uma vez que houve um aumento de 76,6% de acertos. Entretanto, essa porcentagem será ainda mais significativa se o aluno for desafiado, motivado pelo professor a aplicar a PNL como um recurso para a retenção da ortografia das palavras. Concordamos com Martins e Amaro (2016, p. 54), que a “PNL é um recurso importante para o ensino de ortografia e pode contribuir positivamente para a educação”. Portanto, a PNL representa novas possibilidades como estratégias pedagógicas para o ensino não só da ortografia, mas de conteúdo de qualquer disciplina.

REFERÊNCIAS

ANDREAS, S.; FAULKNER, C. Breve História da Programação Neurolinguística – PNL. 1998. Disponível em: <<http://golfinho.com.br/artigo/brevehistoria-da-pnl.htm>>. Acesso em 08 jun. 2018.

BECHARA, Evanildo, 1928- *Gramática fácil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.

BLANDER, Richards; Grinder Jhon. *A estrutura da magia*. São Paulo: LTC, 2015.

BORGES, Kevin Ribeiro; MAQUINÉ, Milena Paiva; BARBOSA, Francine P. Leite; MARTINS, Silvana Andrade. A programação Neurolinguística aplicada ao ensino da ortografia: Acentuação e Tonicidade. In: *Iniciação à Docência: a experiência do PIBID-UEA na articulação teoria-prática no ensino básico*. NARZETTI, Claudiana; NEVES, Aline C. O. (Orgs.). 2017. Araraquara: Letraria, 2016. p. 405 a 420. ebook. Disponível em: <<https://www.letraria.net/wp-content/uploads/2018/06/inicia%C3%A7%C3%A3o-a-docencia-ebook-letraria.pdf>>. Acesso em 10 out. 2018.

CARDOSO, Elis de Almeida. Composição. In: RODRIGUES, Ângela; ALVES, Ieda Maria. *A construção morfológica da palavra: gramática do português culto falado no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 111 – 122.

DILTS, Robert. A estratégia de soletração da PNL.” Disponível em: <<https://golfinho.com.br/artigo/a-estrategia-de-soletracao-da-pnl.htm>>. Acesso em 26 mar. 2018.

DILTS, Robert; EPSTEIN Todd A. *Aprendizagem dinâmica*. Tradução de Denise Bolanho. São Paulo: Summus, 1999, vol. I.

DILTS, Robert; EPSTEIN Todd. *Aprendizagem dinâmica*. Tradução de Denise Maria Bolanho. São Paulo: Summus, 1999, vol. II.

GARDNER, Howard. *Estruturas da mente*. São Paulo: Artmed, 1994.

MANCILHA, Jairo. Programação Neurolinguística Aplicada ao Ensino e à Aprendizagem. Disponível em: <<http://www.rbenche.com.br/intranet/upload/apostilaprogramacaoneurolinguistica.pdf>>.

MARTINS, Silvana Andrade; AMARO, Marilza Carriel. A programação Neurolinguística aplicada ao ensino da ortografia: um estudo no âmbito do ensino fundamental. In: *Iniciação à Docência: a experiência do PIBID-UEA na articulação teoria-prática no ensino básico*. NARZETTI, Claudiana; NEVES, Aline C. O. (Org.). Letraria, Araraquara, 2017. p. 430 a 456. Ebook. Disponível em <<https://www.letraria.net/wp-content/uploads/2018/06/inicia%C3%A7%C3%A3o-a-docencia-ebook-letraria.pdf>>. Acesso em 20 ago. 2018.

RODRIGUES, Ângela; ALVES, Ieda Maria (orgs.). *A construção morfológica da palavra: gramática do português culto falado no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2015.